



ano de 1910. O famoso hotel ainda não havia sido construído e poucos se animavam a adquirir terrenos "naquele areal".



gigante isolado na praia quase deserta. Hoje, na pérgula e na piscina há hóspedes do mundo inteiro e gente importante.



pa os mais ousados shows das nossas madrugadas e nêles muitas m^oças bonitas desfilaram: Olga Latour, Dorotéia, Lúcia Lamour, Vânia Pinto, Maria Della Costa, que enfeitaram quadros onde poderiam estar presentes Amália Rodrigues, Adelina Garcia, Dick Farney, Caimi, Sílvio Caldas, artistas americanos, franceses e de todo o mundo. Presentes nas mesas bem poderiam estar, também, um dos Rockfellers, Edward G. Robinson, o pianista Brailowsky, ou o atrabiliário Orson Welles (que atirou uma cama na piscina) ou a temperamental e amorosa Ava Gardner, que fez o cartaz do cantor Carlos Augusto, a quem carinhosamente chamava de my little monkey... Desde os velhos tempos, ali chegava gente célebre mesmo: Conde Herman de Kayserling, o baixo Chaliapine, a cantora francesa Ninon Vallin, o maestro e compositor Igor Stravinski, Ramon Franco (que veio no seu avião Plus Ultra), o campeão de xadrez Capablanca, Ernesto Zacconi, John Galsworthy (Prêmio Nobel de Literatura), Ti-



No tempo do j^ogo havia shows, como este, com Caimi e Maria Della Costa.

to Schipa, Cláudia Muzio, Serge Voronoff e tantos outros, que não se negaram a deixar no livro, uma frase de elogio, não só à casa que os abrigara como também à paisagem gratuita que tinham diante dos olhos.

A vida de um hotel é o dia-a-dia. Agora mesmo o telefone toca e alguém pede reserva. Poderá ser um boiadeiro abonado, em fama, que quer passar uns dias para faturar ainda mais dinheiro; pode ser um estrangeiro famoso, afirmando ao intérprete que vem ver o verão, êsse verão carioca que só aparece quando quer. E as horas vão passando no relógio grande do hall, e os nomes se vão sucedendo nos inúmeros quartos na famosa suíte A, onde reis e rainhas dormiram e onde dormiram também gangs-



Assim como os Cassinos Atlântico, Urca e Icarai, o Copacabana Palace viveu noites alegres e movimentadíssimas no período em que o jogo era permitido em todo o país.

Nos últimos quarenta anos, o Copa tem funcionado como uma sala de visitas semi-oficial do país

ters procurados pela dura lei dos homens. Sim, porque a casa grande é assim: nela quem mais manda e menos manda também é exatamente o seu dono e hóspede. O Dr. Otávio Guinle, ocupando a suíte B, é obrigado a acompanhar o compasso do grande hotel e obedecer às suas leis e regulamentos.

Ali dormiu Marconi, anos antes e anos depois de acender o Corcovado na inauguração da Rádio Tupi; ali Arthur Rubinstein ficou contemplando o mar da janela do seu apartamento; ali pousou Edith Piaf, depois de repetir o seu "Bravo!" E por ali se perderam muitos sonhos dos políticos carreiristas, e muitos planos bons foram traçados por alguns, bem como muitos golpes por tantos outros. Bife de Ouro foi o apelido melhor que o carioca encontrou para o tão citado restaurante do hotel, lugar bem das moças elegantes, ponto certo para uma cartada de bom feitiço.

Quando o jogo fechou, a noite do Rio sofreu grande abalo: o Presidente Dutra com uma canetada fazia parar a bolinha da roleta, despindo os paletós de alpaca de um mundo de crupiês. E, durante tempos, o jogo morto foi apenas promessa de reabertura na plataforma de muitos políticos candidatos. Mas não abriu nunca mais. O Quitandinha, lá longe, na grandeza do seu esplendor, sofria o golpe rude. E assim também a Urca, o Atlântico e o Icarai. O artista estrangeiro tornava-se impossível diante de um dólar que começava a disparar. Mesmo assim o Copa resistiu e, em temporadas

breves, não deixou de trazer nomes famosos para o seu palco: Edith Piaf, Ella Fitzgerald, Dorothy Dandridge, Lena Horne, Marlene Dietrich, Sammy Davis. E, nos festivais de cinema, o que havia no mundo dos cartazes cinematográficos,

as águas da piscina do Copa beijaram com gosto.

Um dos grandes dias do hotel foi aquele em que o Rio quase fêz feriado ao ser anunciada a chegada de Ramón Novarro. O homem que tinha interpretado Ben-Hur e

nos fazia cantar o Canto do Amor Pagão estaria ali, diante de todos, em carne e osso. Era um tempo em que astro ou estrela de Hollywood usava a moda de esconder-se, de fazer o difícil. Era costume rasgar as roupas como fazem com Caubi. Ramón Novarro, escoltado por Celestino Silveira, deu almôço à crítica, no Juá, lugar "distante e discreto". Já faz tempo! Ramón Novarro se foi, seu nome sumiu do cartaz, sua vida anda aos tropeços e, agora, só é notícia quando é prêso, guiando, alcoolizado, o seu carro. Mas sua assinatura firme e moça ficou no grande livro do Copacabana Palace, marcando um tempo que foi seu.

E lá está, como no primeiro dia, fincado na praia, o velho Copa. Otávio Guinle afirma que o hotel sofreu muito com o fechamento do jogo e que, se reaberto fôsse, ele não titubearia em mantê-lo em seus salões, como fazem Monte Carlo e Las Vegas. Mas isso são outros quinhentos. O que queríamos saber no final era se havia muitos "penduras" e qual o maior deles. O velho Guinle sorri e diz apenas que é segrêdo, muito embora a gente saiba que Rubirosa bem pode ter sido um dos grandes, ou quem sabe o potentoso Aly Khan, que Deus os tenha em bom lugar, diria o gerente arquivando nota e assinatura. Mas há outros. A vida do Copacabana Palace Hotel está resumida no seu Livro de Ouro n.º 1. Só um nome nêle não figura, muito embora por ali tivesse passado a soberba mulher que foi Helen Keller. Mas, mesmo com os olhos apagados e falando apenas por gestos, ela disse que tinha "visto" o mar bonito e o céu azul...

Durante o verão, a piscina do Copa ganha novo colorido, sendo freqüentada por senhoras da alta sociedade, políticos, artistas e gente preocupada em fazer negócios.

